



ID: 110758652

23-04-2024

## DEANS' CORNER

Os grandes temas da atualidade nacional e internacional e as tendências da gestão analisadas pelos diretores das principais Escolas de Negócios portuguesas. Escrevem Filipe Santos, João Duque, João Pinto, José Crespo de Carvalho, José Esteves, Maria de Fátima Carioca e Pedro Oliveira.



**JOSÉ CRESPO DE CARVALHO**  
Dean do Iscte Executive Education

## IA nas universidades: o que não quero ser e onde não quero estar!

O futuro das universidades e da formação de executivos vai assumir formas completamente distintas das que hoje conhecemos. Não vale a pena teimarmos em relançar velhos modelos nem tão-pouco apelar a travões e regulação que jamais virão a tempo do que vai mesmo mudar.

Com a integração da IA haverá transformações significativas a vários níveis. E isto é tanto mais assim quanto menos debatermos o assunto entre universidades e mais fingirmos que o assunto é um não assunto – porque há soluções que serão transversais a todas. Se não veja-se: na forma de lecionar vão existir grandes mudanças, na investigação idem, nas parcerias institucionais com outras instituições igualmente e, paralelamente, em todos os esforços de internacionalização. Estas mudanças não só alterarão quer o conhecimento, “tout court”, quer a forma como ele é transmitido e criado. E daqui surgirão fronteiras de colaboração global e interdisciplinar cada vez mais profundas.

Se me detiver apenas e só no ensino, ou na vertente ensino, a questão é: a IA está a redefinir o paradigma educacional nas universidades e nas salas de aula (ou virtuais), oferecendo personalização em larga escala. Esquecer os famosos “slides” ou PowerPoint talvez seja um bom princípio. Explorar conceitos e ferramentas com base em uso direto de IA em aula pode envolver participantes em novos mundos (mesmo que seja apenas numa pequena parte da IA, i.e., via LLM); mentores virtuais e sistemas de aprendizagem adaptativa vão emergir a uma velocidade atroz e, finalmente e sem esgotar tudo, a customização do ensino a cada participante será um passo há muito pensado mas agora bem mais fácil de materializar.

Isto vai incluir adaptações nos ritmos de ensino, nos estilos de aprendizagem e nas preferências pelos conteúdos. Além disso, a

realidade aumentada e a realidade virtual, potenciadas pela IA, poderão simular experiências imersivas que antes eram limitadas por questões geográficas ou de recursos, como laboratórios virtuais ou excursões digitais.

Aqui chegados, a mudança será gigante. E, como dizia, talvez o bom primeiro passo para começar a “dar aulas” (ou a fazer mentoria?) seja não fazer mais PowerPoint nem tão-pouco usar suportes visuais. Mais, conseguir gerar em tempo real os conteúdos dessas cábulas e projetá-los em tempo real e, “in loco”, ao projetá-los então poder debatê-los com os participantes. Depois, ziguezaguear pelos conteúdos que mais interesse despertam dentro de um determinado “scope”.

Finalmente, mas não menos importante, cocriar as sessões à medida que os participantes assumam esse mesmo papel, i.e., de participarem mesmo e não de serem meros espetadores. E, quem espera absorver um conteúdo de A a Z e uma receita desengane-se porque terá antes exposição a uma forma de raciocinar, com ajuda de IA, e acesso a conhecimento que, se quiser trabalhar, será sem dúvida um acréscimo de valor imenso.

Não podemos, no entanto, facilitar ao ponto em que os participantes saibam mínimos subolímpicos e nem resultados saibam criticar. Esse debate exigirá de nós grande experiência prática e a capacidade para debater em sala de aula temas que importem e que acrescentem algo de efetivamente novo.

Se a isto somarmos as formas

Explorar conceitos e ferramentas com base em uso direto de IA em aula pode envolver participantes em novos mundos.

de avaliação então teremos um quadro completamente diferente. Não me parece que se possam recorrer a velhas fórmulas para saber se se sabe. Para saber-saber, saber-ser e saber-estar a IA vai poder, e pode, igualmente ajudar. Não podemos é ficar pela rama e temos de ir mesmo ao fundo das questões.

Para concluir deixo cinco dicas para os que mais interesse têm nestas áreas e mais querem evoluir na profissão de ensinar, ou ousar ensinar

(não são prescritivas, nunca poderiam ser, mas fazem-nos, pelo menos, sair da zona de conforto). Primeiro, aos que se intitulam professores, devem ser bem mais mentores do que vocalistas unidirecionais; segundo, abstiriam-se das sebatas de Power-

Point e de “slides” pré-gerados e façam geração de conteúdo “live”, em sala de aula; terceiro, procurem ziguezaguear pelo debate e aprofundamento de tópicos que, sendo essenciais, mais chamam a atenção no debate com participantes; quarto, não fiquem de olho na ficha de unidade curricular para saber se a matéria foi cumprida – umas vezes será, outras não e a maioria das vezes teremos “syllabus” que vão sendo escritos em tempo real; quinto, e para já chega – que não quero criar um movimento de colegas do contra – experimentem envolver os participantes pedindo-lhes para gerarem conteúdos e os interpretarem e partilharem com os demais colegas.

Se tivermos sucesso nestes cinco pontos estaremos no caminho para mudar. Sabemos para onde vamos? Não. Mas alguém sabe? A única coisa que neste momento sabemos é que o caminho que levámos até aqui não pode continuar no futuro. E isso já é um grande passo. Será mais ou menos como dizia Porter, a definição do que quero ser e onde quero estar começa talvez pela definição do que não quero ser e onde não quero estar. ■